



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9402 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

Classe, Raça e Educação: considerações sobre o processo de emancipação humana a partir da experiência do Partido dos Panteras Negras para Autodefesa

Neusa Pereira de Assis - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado ainda em desenvolvimento na qual se focaliza a experiência no Partido dos Panteras Negras para Autodefesa no campo da educação. A partir da perspectiva marxiana e marxista, apresentamos aqui algumas considerações sobre a complexa relação entre classe, raça e educação no interior da sociabilidade do capital, tendo como horizonte sua superação e a emancipação humana. O Partido dos Panteras Negras para Autodefesa, uma das agências mais relevantes do século XX, ao longo de seus 16 anos de efetiva existência (1966-1982) buscou em sua práxis realizar a crítica ao modo de produção capitalista, desmascarando a democracia burguesa e, ao fazê-lo, promoveu uma inflexão nas lutas negras da época, ao atrelar as questões relativas à segregação racial às desigualdades de classe. Entre as frentes de lutas criadas pela organização, a educação teve significativa relevância.

Palavras- Chave: Classe; Raça; Educação; Emancipação Humana; Partido dos Panteras Negras para Autodefesa

1. Introdução

O século XXI, já em suas primeiras décadas, assiste ao acirramento das crises estruturais de capitalismo que, ao mesmo tempo que promove o aumento da pobreza em massa e da vulnerabilidade social, potencializa a concentração de renda e acúmulo de riqueza por parte das classes dominantes. Soma-se a este quadro a retomada ao poder da direita e, em algumas regiões do globo, da extrema direita, que entre suas medidas de interesse de classe, promove o apagamento de lutas e iniciativas contra e anti hegemônicas, naturalizando desigualdades e opressões. Diante deste contexto, torna-se imprescindível recuperar iniciativas como a do Partido dos Panteras Negras para Autodefesa: PPN, tendo em vista os desafios colocados na ordem do dia: construir caminhos para a superação do capitalismo e formar o *novo homem* para uma nova sociabilidade. Tais questões requerem, de modo iniludível, o debate sobre a educação.

Uma das décadas mais contempladas pela historiografia é certamente, a década de 60: período de grandes agitações sociais, movimentos de contestação da ordem, lutas por direitos e reconhecimento, efervescência cultural, guerras de combate explícito e a bipolarização do mundo são alguns dos motivos para que este período desperte o interesse de pesquisadores. Nesta e desta conjuntura, nasce nos Estados Unidos da América, uma das organizações mais importantes do século XX, o PPN. O objetivo inicial de seus fundadores, Robert George

Seale (Bob Seale) e Huey Percy Newton era criar uma organização que através do controle e vigilância da ação policial e por meio do armamento da parcela oprimida da população, fazer frente à violência policial à qual os afro-americanos estavam submetidos, cotidianamente.

Todavia, a realidade à que estavam inseridos se mostrou ainda mais complexa. Passados séculos da abolição da escravatura (1865), a situação dos afro-americanos era de extrema precarização: a falta de acesso a questões básicas como trabalho, moradia, educação, saúde e segurança permaneciam na ordem do dia. A propaganda estadunidense de ser um país de oportunidades, não se materializava na vida de grande parte da população. No seu Programa de 10 Pontos, no qual o Partido apresenta sua plataforma de reivindicações, é possível perceber as desigualdades estruturais do capitalismo, mesmo na nação mais rica do mundo e a crítica ao modo de produção vigente e a urgência da construção de uma outra sociabilidade, diferente da do capital.

Entre as ações implementadas pelo PPN, chama-nos a atenção a preocupação com a educação- ponto 5 do seu Programa-, uma vez que ela não se limitou na práxis da organização à formação de seus militantes. A necessidade de uma educação para a parcela pobre, majoritariamente negra, da população estadunidense, com vistas a um ensino voltado a ensinar sobre a importância dos afro-americanos na história do país, elevando a autoestima das crianças e desmistificando a sociedade americana, levou a organização a implementar escolas com um currículo diferenciado, voltado para a formação integral dos sujeitos. Dada a relevância e o diferencial desta iniciativa, a pesquisa busca compreender a perspectiva revolucionária presente nas escolas criadas pelo PPN.

Para tal, está sendo desenvolvida uma pesquisa de caráter predominantemente qualitativo, com uma abordagem de estudo de caso tendo como procedimento de investigação, a leitura e análise imanente dos materiais selecionados. O acervo conta com fontes escritas e iconográficas, além de material áudio visual.

Partimos de três premissas principais para tratar nosso tema: a educação em sua dimensão ontológica, entendida como um complexo-parte no processo de formação do ser social, processo este cuja centralidade é o trabalho (MARX, 2010; LUKÁCS, 2013); a educação no interior no capitalismo se afasta de sua dimensão ontológica na medida em passa a atender às demandas deste modo de produção, garantindo sua reprodução e interiorização (MÉSZÁROS, 2008), logo a educação se torna estranhada; e por fim, o entendimento de que o processo de transição do capitalismo para uma nova ordem social, passa necessariamente pela educação. Nesta direção reflexiva, partimos da experiência do PPN para realizar alguns apontamentos o papel da educação na efetivação da emancipação humana.

2. Classe, Raça e Educação nos Estados Unidos Pós-Abolição: breve contextualização

Para se compreender os fatores que levaram à origem de uma organização como o PPN e suas demandas, faz-se necessário recorrer à história dos EUA não no intuito de buscar no passado explicações mecânicas e automáticas para questões postas no presente, mas sim para compreender seu lastro no tempo, tanto quanto perceber as mudanças e permanências ao longo de todo processo histórico.

Assim como em toda a América, também os EUA receberam africanos na condição de escravizados. Os dados do site Slave Voyages mostram que o número chega a aproximadamente 5% do total de escravizados do continente. Sabe-se que os primeiros levas de escravos chegaram na região das Treze Colônias em 1619, logo no início da colonização. Assim como em outros territórios onde a escravidão negra moderna ocorreu, também nos EUA a abolição formal pouco significou na vida nos ex-escravizados que permaneceram sem direitos básicos, sem acesso a bens e serviços e, no caso específico dos EUA, a segregação

racial era legalmente instituída. Somente na segunda metade do século XX é que se começa uma mudança na legislatura com a aprovação das leis dos Direitos Civis em 1964 e a Lei do Direito ao Voto. No que diz respeito à educação institucional, apenas em 1954 depois do julgamento pela Suprema Corte do caso que ficou conhecido como *Brown v. Board of Education* deliberou-se pela inconstitucionalidade da segregação nas escolas, que deveriam então a ser integradas, ou seja, negros e brancos estudando juntos, na mesma unidade escolar. Este conjunto de leis buscava pôr fim à segregação institucionalizada.

Apesar dos avanços legais, os afro-americanos ainda conviviam diariamente com a violência policial, a falta de acesso efetivo à direitos, pobreza, educação precarizada e falta de liberdade. Todo este contexto, presente em todo o território do país - apesar do Norte sustentar um discurso progressistas- levou ao acirramento das lutas negras, principalmente no pós-guerra depois de muitas vidas perdidas. O PPN surge da indignação de seus fundadores com a violência policial. Contudo, como se vê na documentação produzida na época pelos membros da organização, se a urgência era enfrentar a violência policial, o horizonte da organização estava bem mais adiante: na construção de uma nova ordem social. Huey P. Newton, um dos fundadores, partindo da análise concreta da realidade dos afro-americanos, constata que: “As necessidades do povo explorado e oprimido são terra, pão, moradia, educação, liberdade, roupas, justiça e paz.” (2018, p. 25) Mas afirma: “É apenas o povo que pode derrubar o atual sistema imperialista no qual estamos expostos e só o povo pode instituir um governo socialista que irá servi-lo.” (2018, p.25).

A intrínseca relação entre classe é raça é apontada pela organização em vários escritos. No texto intitulado Em Defesa da Autodefesa, escrito por Newton e publicado no jornal Black Panther em 16 de novembro de 1968, o autor afirma em nome da organização:

Nos EUA, temos não apenas uma sociedade de classes, temos também um sistema de castas e o povo negro se encaixa na casta inferior. Eles não têm mobilidade para subir na escala social. Não tem privilégios para entrar na estrutura dominante de maneira nenhuma. (2018, p.30)

Para romper com esta estrutura, a organização irá implementar várias frentes de luta, das quais a educação serviu não apenas para seus militantes e para a formação de novos quadros, já que, no entendimento do Partido: “São os jovens que fazem a revolução e os jovens que a perseguem. Sem nossos jovens, jamais seremos capazes de forjar uma força revolucionária. (2018, p.167). A educação no interior da práxis do PPN buscava também se contrapor à educação oficial ofertada pelo Estado nas unidades escolares. No ponto 5 do seu Programa, os fundadores afirmam que: “**Nós queremos uma educação para nosso povo que exponha a verdadeira natureza da decadente sociedade americana. Queremos uma educação que nos mostre a verdadeira história e nossa importância e papel na atual sociedade.**” (2018, p.21) (Grifo nosso). E justificam:

Nós acreditamos em um sistema educacional que dê a nossos povos um conhecimento de si mesmo. Se um homem não tiver o conhecimento de si mesmo e de sua posição na sociedade e no mundo, então tem pouca possibilidade de relacionar-se com qualquer outra coisa. (2018, p.21)

Na sua proposta, não só a organização diz que tipo de educação quer e para o quê quer, como também, na contramão e de modo indireto, dá a entender que o modelo de educação vigente mascarava os problemas estruturais da sociedade, se colocando à serviço dos interesses das classes dominantes e de sua manutenção no poder. Para fazer frente à esta realidade o PPN instituiu o programa Café da Manhã, servido gratuitamente para as crianças e adolescentes pobres, já que a fome era um dos fatores que prejudicavam a aprendizagem.

Outra medida fundamental foi a criação de espaços escolares, chamados de Escolas de Libertação. Com um currículo próprio que perpassava a formação propedêutica, formação

política, preparação física, arte e cultura, estas escolas passaram a receber crianças, adolescentes e jovens pobres, majoritariamente afro-americanos, em busca de garantir uma formação integral destes sujeitos numa perspectiva contra hegemônica.

3. Educação e Emancipação Humano: desafios postos na ordem do dia

Como bem observou os membros do PPN já no início da organização, toda educação tem uma intencionalidade. De acordo com Emir Sader, no prefácio de *A Educação Para Além do Capital*:

O objetivo central dos que lutam contra a sociedade mercantil, a alienação e a intolerância é a emancipação humana. A educação, que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes”. (...) Em lugar de instrumento da emancipação humana, agora é mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema. (2008, p.15)

Neste sentido, podemos ver a relevância do debate sobre a emancipação humana na atualidade, quando se torna ainda mais urgente a superação desta sociedade mercantil. Marx, em *Sobre a Questão Judaica*, onde trava um debate com Bruno Bauer, diferencia a emancipação política da emancipação humana, e aponta os limites da primeira. A partir de Marx, compreendemos que a emancipação política, embora necessária e importante, se limita a questões conjunturais, não alterando a estrutura do sistema, já que mantêm a propriedade privada, o Estado e as classes sociais hierarquicamente estabelecidas, pilares do capitalismo. Para Marx,

A emancipação política de fato representa um grande progresso; não chega a ser a forma definitiva da emancipação humana em geral, mas constitui a forma definitiva da emancipação humana dentro da ordem mundial vigente até aqui. Que fique claro: estamos falando aqui de emancipação real, de emancipação prática (MARX,2010, p. 41))

Já a emancipação humana requer a destruição desses pilares e superação da política enquanto medida resolutive. Sua concretização se dará

Somente quando o homem individual real recupera em si o cidadão abstrato e se converte, como homem individual, em ser genérico, em seu trabalho individual e em suas relações individuais; somente quando o homem tenha reconhecido e organizado suas "forces propres" como forças sociais e quando, portanto, já não separa de si a força social sob a forma de força política, somente então se processa a emancipação humana (Marx,2010, p. 54)

Ou seja, quando o homem retorna ao seu ser genérico, às suas dimensões ontológicas, rompendo e superando todo o processo de alienação gerado pelo capitalismo. Enquanto um complexo-parte da formação do ser social cuja centralidade é o trabalho (MARX,2010) (LUKACS,2013) a educação em seu sentido ontológico, possibilita a transformação da natureza pelos seres humanos e sua hominização. No capitalismo, também a educação se torna estranhada, na medida em que se afasta de sua dimensão ontológica humanizadora, para se transformar em mercadoria. Neste sentido, recuperar a dimensão ontológica da educação e sua função humanizadora são tarefas indispensáveis para a superação do capitalismo e construção de uma nova ordem social.

4. Considerações Finais

De acordo com Mészáros, “nenhuma sociedade pode persistir sem seu próprio sistema de educação”. (2016, pg. 265). A educação implementada pelo PPN seja nas suas formações de base, seja através dos seus escritos publicados no jornal próprio, mas principalmente, nas Escolas de Libertação, promoveram uma inflexão o sistema educacional institucional e comprovaram que uma revolução radical, como a que requer a eliminação do capitalismo, passa por uma educação também radical.

Referências

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. 1.ed. Tradução Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo 2010.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. Editora Boitempo. 1 edição. São Paulo: 2010.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PARTIDO DOS PANTERAS NEGRAS; Antologia -vol;1.1ª Edição.2018.

Site: www.slavevoyages.org